



PRÓLOGO

Maria divagou, afinal não tinha filhos, não tinha marido, não tinha obrigações que a metade das suas amigas criaram para si com o matrimônio. Seus olhos já enrugados tentavam colher os sinais do tempo, do vento, das chuvas e das tempestades. Todos, da aldeia de pescadores, aprendem a decifrar os caprichos da natureza. Naquela noite as estrelas reinavam no céu, por isso ela estranhou a gélida brisa e se afastou da residência. Ela desceu as ruas para meditar nas margens do rio Poti. Seus braços já não eram tão fortes e sua destreza na mata passara do corpo para a mente. Agora sabia que caminho não percorrer. Por quê? Bastava olhar para as suas cicatrizes que a coragem de qualquer teimoso para desafiar seu conhecimento era reduzida a mera especulação.

Diferente das meninas da vila do Poti, Maria não temia as trevas, pois caminhava entre os retorcidos galhos e bebia nas fontes mais límpidas, afinal ela tinha com aquela fauna um acordo silencioso. Um contrato que ultrapassava seu próprio conhecimento. Contudo ela sabia que ali no breu das folhagens alguém a protegia e por isso a sensação de paz se sobrepunha aos antigos medos.

Quando criança escutara, sob a luz do luar e alumiada pelas brasas das fogueiras de junho, as conversas dos mais velhos. Alguns tentavam, no silêncio da meia noite, assustar as crianças e conseguiam sem grande esforço o empreendimento maligno. As tímidas Marias evitavam as águas do Poti, afora quando saíam em bando com as mulheres mais velhas. E sempre as crianças teimosas insistiam naquela mesma conversa, a estória que circulava como virose na boca dos moradores do Poti Velho, as conversas sobre a lenda do Cabeça de Cuia.

Seu Joao sempre andava com certo ar de mistério e um aspecto um tanto sombrio ou desconfiado, sobretudo suspeito. Ele caminhava como se esperasse o pior. Os sussurros e murmurinhos contavam que ele tinha vendido sua alma para os seres mais perversos que habitavam as matas. E quando ele ia à Vila as crianças aos poucos se aproximavam, pois a curiosidade dos pequenos superava o medo e logo os curumins pediam que ele contasse alguma de suas estórias. E lá ia o Seu João atender o pedido secreto com muita teatralização e suspense. Era um espetáculo com variações entre gritos e sussurros, pausas e olhares direcionados como se ele escondesse um terrível segredo.

Pouco importava se apenas um espectador tivesse prestando atenção? Não. Seu João só começava a história quando

todos estivessem prestando atenção. Ele tinha seus truques, fingia não estar interessado em falar nada e analisava uma de suas unhas até que todos coagissem o rebelde desatento para que o velhote começasse a narração. As crianças adoravam aqueles trejeitos simulados do velho João, queriam viver metade do que aquela figura havia vivido na vida. O som de sua voz era arrastado, às vezes nem dava para entender tudo que ele dizia, pois, algumas palavras eram estranhas, mas eram codificadas pelos meninos por meio do tom e dos gestos do velhote.

Finalmente, vencidas as dificuldades de transmissão da mensagem, os pequenos começaram a entender totalmente o que o velhote falava. A caminhada por onde começava a aventura pelas matas foi longa, segundo o narrador ela deu suporte para que ele pudesse enfrentar tudo no mundo, mas o ponto chave foi seu encontro com um garoto, ou melhor, o adolescente que se encaminhava para a juventude com os primeiros pelos já emergindo no rosto imaturo. O garoto era filho de pescador, um desconhecido pescador forasteiro que sumiu assim que engravidou uma das moradoras da vila.

Entre risos e sussurros o velho gritava irritado perguntando se as crianças queriam continuar ouvindo, pois ele não tinha tempo para ficar perdendo com quem não estava interessado nas suas palavras. Os meninos sempre faziam a mesma pergunta e João sempre respondia dizendo que ninguém nascia monstro, pois o filho do pescador forasteiro era um menino como cada um ali, como cada uma das crianças, como ele já foi, como qualquer um. Ele foi um teimoso, barulhento e incompreendido. Alguém que vivia em desvantagem naquela Vila de pescadores, afinal o menino sem pai cresceu aos cuidados da mãe e da madrinha.

As suas responsáveis legais eram donas de casa. Por isso, ele nunca pode aprender os truques da pesca e por esse motivo quando começou a ser pescador teve o azar de nunca conseguir desenvolver seu ofício. A mãe do daquele pescador costumava fazer um pirão bem gostoso com as ossadas de boi, às vezes com restos de peixe deixados no mercado. O tal pirão era tão famoso no mercado que os próprios pescadores deixavam algumas pescas com a mãe do menino para receberem uma porção do prato.

Um dia o pescador voltou mais cedo depois de uma pesca malsucedida, a mãe do jovem ofereceu a comida depois de muito reclamar. A mulher mal notou as lágrimas, as feridas do filho, só amaldiçoava o sangue do pai que deixou a maior dor que podia existir na alma da mãe. Dividida entre a mágoa do amante e o amor pelo filho. As palavras cuspidas pela mãe foram se acumulando, desde que o pai saiu fugido no barco rio acima ela nunca mais deixou de se maldizer pelo nascimento da criança. E olhar para o menino revivia as promessas fajutas do pescador forasteiro.

Sozinha e com uma criança no colo a mulher teve que prover suas necessidades e a daquele pequeno filho do forasteiro. O nome de pai foi esquecido, a madrinha do menino era a salvaguarda da família, pois livrava a mãe de reviver a mágoa e o filho de escutar os xingamentos da boca da mãe.

As dores, as humilhações, as frustrações e a mágoa escorreram pelo sangue da mãe que jorrava do ferimento da cabeça e deslizava pelo osso de boi preso à mão do filho do pescador forasteiro. As mãos sujas pelo sangue trouxeram a lucidez do jovem que pode escutar o sussurro da velha mãe. O “maldito forasteiro, maldito pescador” que ficou preso nos pesadelos do jovem pelo resto da vida. O som dos gritos:

“Monstro, monstro...” E a narração do Seu João acabou, pois dessa vez ele escutou alguma coisa no ar que só seus ouvidos sabiam decifrar. Erguendo-se ele dizia que o pescador amaldiçoado ainda vivia pelo rio, sempre em busca da sua libertação. O velhote tocava uma de suas cicatrizes, a do braço esquerdo, encarava as crianças com um olhar assustador e corria atrás dos pequenos que se dispersavam pela Vila.



UMA MELODIA NO POENTE

O caju descia rio abaixo, era um caso extraordinário naqueles dias secos. Aquele fruto rebelde ostentava sua existência para a mata ciliar. Um braço longo, pálido e esquelético se destacou da mata, colocando-se entre a correnteza e o fruto alaranjado, os dedos cobertos de lodo apalparam o caju delicadamente. Depois da rápida examinada na aparência do alimento a mão ossuda arrancou a castanha do fruto que foi devorado prontamente deixando escorrer um pouco do sulco do caju pelos lábios, queixo e pes-

coço. A castanha deixada de lado cumpriria seu destino e papel principal para a preservação do rio, pois assim que germinasse suas raízes penetrariam na folhagem até atingir o solo, evitando que a terra se desprendesse das margens e lançasse os detritos ao longo do rio formando bancos de areia.

A figura horrenda lambia os lábios que ainda preservavam o gosto do caju, seu corpo esquelético tinha um desempenho extraordinário dentro da mata, os olhos fundos e tristonhos estavam atentos ao menor ruído ou movimento. Apesar do tamanho, a criatura era ágil e camuflava-se como um camaleão. A sua voz embaralhava-se ao sopro do vento e ao som da folhagem. Exatamente por isso poucos seres escutaram os murmurinhos que saíram da boca áspera do ser e que se misturavam aos seus pensamentos insanos:

“Houve um momento em que os meus músculos ficaram exaustos. O suor escorria até alcançar as minhas mãos e consequentemente escorregavam até tocar as mãos delicadas daquela mulher. O peso da Maria não deveria significar nenhum esforço em outras condições, contudo eu estava ferido e aquela exaustão tragava toda minha força de vontade. Aquele morro era perverso e nele nem a mais bizarra besta se atreveria caminhar. Quando me dei conta já era noite e o frio começava a corroer minha pele úmida, talvez por isso eu não percebi que o que parecia suor era o meu sangue. As lágrimas caíram, eram as lágrimas do meu egoísmo pedindo para o meu amor perder as esperanças e abrir as mãos largando-a no abismo. Felizmente foi um pensamento que se foi tão logo chegou. Lembro-me perfeitamente da dor me tirando gradualmente a consciência e dos braços trêmulos perdendo o atrito. Observei aquela mulher assustada presa ao meu corpo, aos meus dedos que faziam uma pressão no seu braço delicado e mesmo assim ela deslizava vagarosamente contra toda

minha força, contra todo meu desejo de salvá-la. Eu estava perdendo aquela Maria, justo ela, a pessoa que me fazia sentir mais vivo, menos monstro.

Rememorei todo o outono, era agradável reconstruir cada fragmento das lembranças da nossa rebeldia. Por fim decidi não deixar tudo acabar em tragédia, afinal aquela mulher não tinha culpa da maldição que me rodeava, não era justo que ela pagasse pelo erro de um assassino.

Pouco antes das nossas mãos se tocarem uma força desconhecida e adormecida se desprende do meu âmagô, grande o suficiente para que eu pudesse erguê-la e puxá-la para cima do morro, fazendo-a cair sobre meu peito.

Quando a vi defronte meu rosto, com aquele semblante tranquilo e delicado percebi que por ela valeria correr todos os riscos do mundo. Entretanto os olhos vagarosamente foram se fechando, Maria já não dormia, nem acordava, nem se movia, tampouco reagia ao meu toque. Eu só tentava me esforçar para que ao menos minha paixão pudesse aquecê-la. Nossa pele unida significava a quebra de um protocolo, a negação de um acordo e a infração de uma lei. E mesmo assim parecia tudo tão irrelevante naquele momento, sua inércia era a triste prova de que eu havia perdido a batalha. Então ela abriu os olhos novamente e eu pude, enfim, respirar.”

A sombra projetada pelo monstro parecia menos misteriosa e mais transparente. Naquela noite foi possível ter acesso aos seus pensamentos, foi possível entender os fatos anteriores à queda do homem e ao nascimento do monstro. E os tais sussurros traduzidos foram apenas o latejar do ápice da dor do Cabeça de Cuia, do ser desprezível, um ente sem definição, maldito pelo pecado, amaldiçoado pelo tempo, pela miséria e pelas águas que fizeram dele - e de tantos homens

– escravos alienados da sua própria condição. Eram trabalhadores que usavam as pescas para sustentar as suas famílias e que ganhavam uma identidade com o ofício.

Por alguns segundos o monstro fechou os olhos e recordou-se da melodia que ecoava sempre com a chegada do pôr do sol. Era de praxe que ele escolhesse os locais mais inóspitos para que pudesse se concentrar e libertar tudo que havia de luminoso em seu ser por meio dos indecifráveis acordes. A música parecia ter um efeito mágico no corpo do monstro, ele se sentava sobre uma das rochas que compunham a paisagem da floresta fossilizada, próxima às margens do Rio Parnaíba, e tirava o Pife dos farrapos que compunha suas vestes. Seu sobro ainda conservava o antigo dom musical.

Talvez nem fosse a sua intenção, mas os acordes se fundiam às águas do rio formando uma melodia que ecoava e era carregada pelo vento. Por vezes brotavam espectadores de diferentes locais da mata e o monstro deixava seus males nas profundezas da mente. Tocar pife era seu ópio, pois, tal qual rascunhou uma escritora belga, até a pior das almas poderiam demonstrar os mais belos dons.

Desde que nasceu, ou melhor, desde a transformação aquele monstro nunca havia se interessado pela civilização, pelo menos não com a paixão dos românticos positivistas. Ele era um daqueles que ficava vagando pelas encostas da humanidade, talvez, só talvez procurando o lado mais belo da vida, uma beleza que, antes de conhecer aquela Maria, nunca havia encontrado.

Antes e depois de ser monstro os olhares direcionados para si eram apenas o do medo, do nojo e da repulsão. Com o passar dos anos a ojeriza passou a ser recíproca e o monstro começou a odiar os homens pelos mais simples motivos. O